

Medo, violência e fragmentação socioespacial na Região Metropolitana de Fortaleza

Peur, violence et fragmentation socio-spatiale dans la Région Métropolitaine de Fortaleza

Fear, violence and socio-spatial fragmentation in the Metropolitan Region of Fortaleza

Fabiano Lucas da Silva Freitas
Universidade Federal do Ceará
geolucasufc@gmail.com

Maria Clélia Lustosa Costa
Universidade Federal do Ceará
clelialustosa@gmail.com

Resumo

Este artigo objetiva analisar os impactos dos conjuntos residenciais murados e protegidos com aparatos de segurança no tecido socioespacial em três níveis analíticos: fragmentação físico-espacial, fragmentação social e fragmentação sócio-territorial, identificando ainda setores de grande concentração de enclaves residenciais na Região Metropolitana de Fortaleza-RMF. Quanto aos procedimentos metodológicos, foram definidas as categorias, os diferentes níveis de análise, as escalas (temporal e geográfica), os tipos de impactos (variáveis e representação) e levantamento de dados secundários. Destaca-se ainda a mudança do modelo de segregação centro-periferia em direção ao padrão de fragmentação socioespacial que vem se desenvolvendo, no presente momento, em trechos dos municípios de Eusébio e Aquiraz e no setor sudeste ou zonas específicas na cidade de Fortaleza. Os resultados mostram que a imposição de barreiras físicas e o redirecionamento de parte das práticas socioespaciais das elites para o interior dos perímetros murados dos enclaves fortificados fragmentam o tecido urbano na escala intraurbana e metropolitana.

Palavras-chave: Fragmentação. Insegurança Urbana. Enclaves Residenciais.

Abstract

The following article aims to analyze the impacts caused by walled and protected residential complexes with security apparatus on the socio-spatial fabric through three analytical aspects (physical-space fragmentation, social fragmentation and socio-territorial fragmentation), identifying also stretches/areas with high concentration of residential enclaves in the Metropolitan Area of Fortaleza – MAF. In regard to

methodological procedures, the categories, the different levels of analysis, the scales (time and geographical), the types of impact (variables and representation) and secondary data collection were defined. It is also highlighted the change from the model of center-suburbs segregation to the socio-spatial fragmentation pattern that has been seen in development, currently, in parts of municipalities of Eusébio and Aquiraz as well as on the southeast sector or in specific parts of the city of Fortaleza. Results show that the imposition of physical barriers and the redirect of part of the socio-spatial practices of the economical elites to the walled perimeters of fortified enclaves cause the fragmentation of the urban fabric in a the intra-urban and metropolitan scale.

Keywords: Fragmentation. Urban insecurity. Residential Enclaves.

Resumée

Cet article vise à analyser les impacts des lotissements clos et protégés avec dispositifs de sécurité dans le tissu socio-spatial de la région métropolitaine de Fortaleza-RMF par le moyen de trois niveaux analytiques de fragmentations: physico-spatiale, sociale et socio-territoriale. On identifie également les secteurs de plus forte concentration des enclaves résidentielles dans la RMF. En ce qui concerne les procédures méthodologiques, tout d'abord ont été délimitées les catégories, les différents niveaux d'analyse, les échelles (temporelles et géographiques), les types d'impacts (variables et représentation) et la collecte de données secondaires. Il convient également de noter le changement du modèle de ségrégation centre-périphérie vers le modèle de fragmentation socio-spatiale qui se développe, à l'heure actuelle, dans des tronçons des communes d'Eusébio et d'Aquiraz et dans le secteur sud-est ou des zones spécifiques dans la ville de Fortaleza. Les résultats montrent que l'imposition de barrières physiques et la réorientation d'une partie des pratiques socio-spatiales des élites vers des périmètres cerclés des enclaves fortifiées fragmentent le tissu urbain à l'échelle intra-urbaine et métropolitaine.

Mots clés: Fragmentation. Insécurité urbaine. Enclaves résidentielles.

Introdução

A violência, o sentimento de medo e a sensação de insegurança, associados as novas dinâmicas do mercado imobiliário, geraram uma nova forma produção e apropriação da cidade e contribuem para expansão de conjuntos residenciais murados e vigiados na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). A demasiada produção desses empreendimentos imobiliários intensifica o processo de fragmentação socioespacial na RMF, produzindo uma segregação diferenciada, consubstanciada em parcelas reduzidas do espaço urbano, maiormente, no setor sudeste e nas áreas circundantes do município.

Observa-se na RMF, a formação de um espaço urbano composto de um mosaico de conjuntos residenciais independentes e desconexos com a realidade local, com fortes contenções a co-presença de grupos sociais heterogêneos, caracterizado pelas discontinuidades físico-espaciais, sócio-territoriais e sociais do tecido urbano.

A fixação de grandes extensões impermeáveis, que restringem à acessibilidade e tornam os percursos maiores, alteram a relação entre espaços públicos e privados, por meio do convívio intramuro ou de práticas socioespaciais orientadas para enclaves comerciais e de lazer. Esta nova forma de habitar e viver trazem consequências sócio-territoriais, como a privatização de áreas públicas e a imposição de poderes paralelos que substituem a administração do Estado pela gestão de empresas privadas.

A intensificação de crescimento urbano, no mais dinâmico vetor de expansão metropolitana de Fortaleza, tem se dado por processos próprios e diferenciados do padrão centro-periferia, como sugere Diógenes (2012).

Posto isto, o artigo tem como objetivo principal analisar a intensificação do processo de fragmentação urbana em Fortaleza, tomando como referências três níveis analíticos: sócio-espacial, sócio-territorial e social. Destaca, ainda, a mudança do modelo de segregação centro-periferia em direção ao padrão de fragmentação socioespacial que vem se desenvolvendo, mais expressivamente, no setor sudeste (num trecho linear que começa nas imediações do bairro Edson Queiroz e chega até a Messejana) e no entorno da capital (trechos do Eusébio e Aquiraz).

Na escala metropolitana, ocorre um aumento da concentração de conjuntos residenciais com acesso controlado e, em consequência, o estabelecimento de uma cidade fragmentada, por muitas unidades residenciais autônomas e sem continuidade com o tecido socioespacial adjacente, principalmente em trechos representativos dos municípios de Eusébio e Aquiraz.

A apropriação e produção do espaço urbano contemporâneo expõem a preocupação com a insegurança urbana e como revela Schachter (2015, p.76): “a violência mudou radicalmente a forma de pensar e fazer cidades”. Nesse âmbito, a obra de Souza (2008), com o título de *Fobópole: o Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana*, fornece fundamentos essenciais para compreender o efeito da violência na vida diária, nos modos de habitat e na organização do espaço, em que o medo e a cidade se fundem numa configuração marcada pelo pavor da criminalidade violenta. Ou como descreve o próprio Souza (2008, p.40):

Uma fobópole é uma cidade em que grande parte de seus habitantes, presumivelmente, padece de estresse crônico (entre outras síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático) por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança.

Certamente, a experiência de ter sido vítima e a sensação de vulnerabilidade a crimes contra a pessoa e contra o patrimônio corroboram para legitimar a autosegregação das elites em enclaves residenciais e, como indicam Caldeira (2000), Alas (2013) e Dal Pozzo (2015), redimensionar as práticas sociais a espaços de uso comum dos condomínios exclusivos ou a espaços seletivos como shopping centers, malls, hipermercados, torres de escritórios e parques temáticos.



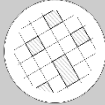

Entende-se que a produção excessiva e o desenvolvimento de novas modalidades de enclaves residenciais levam, indubitavelmente, a uma ruptura da unidade do tecido socioespacial e a reorganização interna da cidade com base em fragmentos urbanos. A autosegregação das elites para os enclaves fortificados, protegidos por barreiras físicas, serviços de segurança privada e sociabilidade extramuros, limitada aos espaços de consumo segmentado, é uma característica essencial da fragmentação da cidade atual





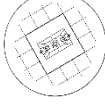


(SALGUEIRO, 1998; CALDEIRA, 2000; BAUMAN, 2007; SPOSITO, 2011; DAL POZZO, 2015).

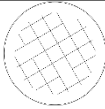
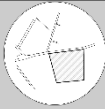

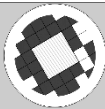
É nesse contexto que se apercebe a expansão do padrão residencial murado e vigiado, na RMF, e também a diversificação dos tipos de enclaves residenciais e comerciais. A partir da década de 2000, observa-se um deslocamento residencial mais intenso das camadas de renda média-alta na direção leste-sudeste; porém a diferença deste novo movimento reside na proximidade espacial dos grupos abastados a camadas populares e no erguimento de muros que separam física e socialmente os distintos grupos sociais. Embora ainda persista uma forte concentração das elites fortalezenses nos centro-leste (Aldeota, Meireles, Varjota, Dionísio Torres, Papicu, Coco e Fátima), percebe-se uma redistribuição destas em direção aos espaços periurbanos da cidade ou do entorno de Fortaleza (BERNAL, 2004; DIÓGENES, 2012; PEQUENO, 2015).

Deduz-se que a proliferação do medo e da sensação de insegurança contribui para a consolidação do processo de fragmentação urbana em Fortaleza. O crescimento urbano, no mais dinâmico vetor de expansão metropolitana (o setor sudeste), tem se dado por dinâmicas próprias e diferenciadas do padrão centro-periferia, como sugere Diógenes (2012).

Quadro 1: Fragmentação sócio-territorial, físico-espacial e social (conceitos e aplicabilidade).

	Conceito	Aplicabilidade conceitual	SÍMBOLOS
1.	Diminuição da fluidez espacial	Interrupção da continuidade das vias públicas por barreiras físico-espaciais.	
2.	Pouca relação com o entorno	Enclave residencial pouco ou nada integrado (física e socialmente) com a vizinhança imediata, ocasionado por perímetros murados e/ou com gradis e portarias centralizadas, restringindo a permeabilidade entre os lotes e as ruas.	
3.	Justaposição de enclaves residenciais	Existência de dois ou mais condomínios ou loteamentos próximos, restringindo a circulação e mobilidade de pessoas com ou sem veículos.	
4.	Proximidade espacial com distanciamento social	Enclave horizontal justaposto a uma comunidade popular ou favela, sem ou com pouca interação socioespacial entre estas distintas realidades.	

Conceito	Aplicabilidade conceitual	SÍMBOLOS
5. Restrição à mobilidade de pedestre	Inexistência de calçadas para a circulação e interação entre os cidadãos.	
6. Restrição à acessibilidade ao transporte coletivo	Inexistência de paradas de ônibus localizadas próximas aos enclaves residenciais e geração de dificuldades de acesso de funcionários e/ou moradores do entorno.	
7. Inexistência de faixas de pedestre	Inexistência de faixa de pedestre junto às vias públicas adjacentes aos conjuntos murados e vigiados.	
8. Integração com os espaços de consumo seletivo	Predomínio de conexões entre enclaves horizontais e shopping centers, hipermercados ou grandes lojas instaladas nas centralidades urbanas.	
9. Isolamento do convívio social	Redirecionamento de parte considerável das práticas socioespaciais das camadas de renda média e alta para espaços coletivos com ampla oferta de lazer e serviços dentro dos muros.	
10. Uso e localização de áreas verdes/Áreas de Proteção Ambiental (APPs)	10.1. Áreas públicas de uso exclusivo dos moradores dos enclaves residenciais, pois se localizam dentro dos perímetros murados, impedindo totalmente o acesso de outros grupos sociais aos recursos ambiental e paisagístico.	
	10.2. O isolamento espacial das áreas públicas , causado pela disposição do perímetro murado, impede o livre acesso da população a esses recursos naturais.	

Conceito	Aplicabilidade conceitual	SÍMBOLOS
11.	11.1. Tecido urbano consolidado e segmentado em razão do estabelecimento de um volume excessivo de conjuntos residenciais que se fecham em muros ou pela grande extensão física desses perímetros murados.	
		
Uso do entorno	12.1. Variação de uso nas áreas do entorno.	
	12.2. Sem variação de uso nas áreas do entorno.	

Fonte: Organizado por Freitas (2019).

Escalas de análise para o estudo da fragmentação do espaço urbano

A fragmentação urbana é a categoria basilar da pesquisa em foco e, dentre os seus vários enfoques, é uma noção utilizada para se referir às mudanças na organização socioespacial como consequência da instalação de enclaves fortificados ou, mais especificamente, de condomínios residenciais horizontais e loteamentos fechados (GLASZE & JANOSCHKA, 2002; SPOSITO & GOES, 2013; DAL POZZO, 2015). É, notadamente, uma noção polissêmica e, por vezes, ambígua (CHETRY, 2014) e, apesar da sua multidimensionalidade, vem se constituindo num pertinente instrumento analítico para o exame da diferenciação socioespacial e como alternativa de interpretação da segregação contemporânea.

Nessa situação, o artigo avaliará três níveis de fragmentação: físico-espacial (FFP), sócio-territorial (FST) e social (FS). Para entender esta multidimensionalidade da noção de fragmentação e aferir as consequências dos enclaves residenciais no tecido urbano, elaborou-se um quadro com os conceitos (possíveis impactos) e à aplicabilidade destes atributos. Cada tipo de impacto identificado, ou a possibilidade dele se

desenvolver, é representado por um ícone que permite conjecturar o nível de fragmentação dos quatro enclaves residenciais selecionados de acordo com a representatividade e a variação na escala geográfica (QUADRO1).

Foram utilizados os seguintes procedimentos para produção dos mapas-síntese de análise: localização e a tipificação mediante imagens de satélite da plataforma *Google Earth*; identificação dos limites dos enclaves residenciais e vetorização dos atributos geográficos mais destacáveis (arruamento, principais vias de acesso, áreas verdes e corpos hídricos); averiguação feita a partir de fotografias urbanas do autor e/ou do *Street View (Google Maps)*; identificação dos impactos e elaboração de ícones representativos e, por último, breve descrição e exploração morfológica e paisagística do empreendimento residencial.

A análise da fragmentação se concretizou em duas unidades geográficas. Na escala metropolitana, selecionou-se dois trechos de intensa aglomeração de conjuntos residenciais murados e vigiados no entorno da capital cearense: a extensão situada próxima da rodovia CE 040 (no Eusébio) e partes do município de Aquiraz, fundamentalmente no Porto das Dunas. Na escala intraurbana do município de Fortaleza, considerou-se o setor sudeste (trecho circunjacente à Av. Washington Soares/CE 040), como referência para implantação de enclaves residenciais destoantes do tecido socioespacial que os cerca (FIGURA 1).

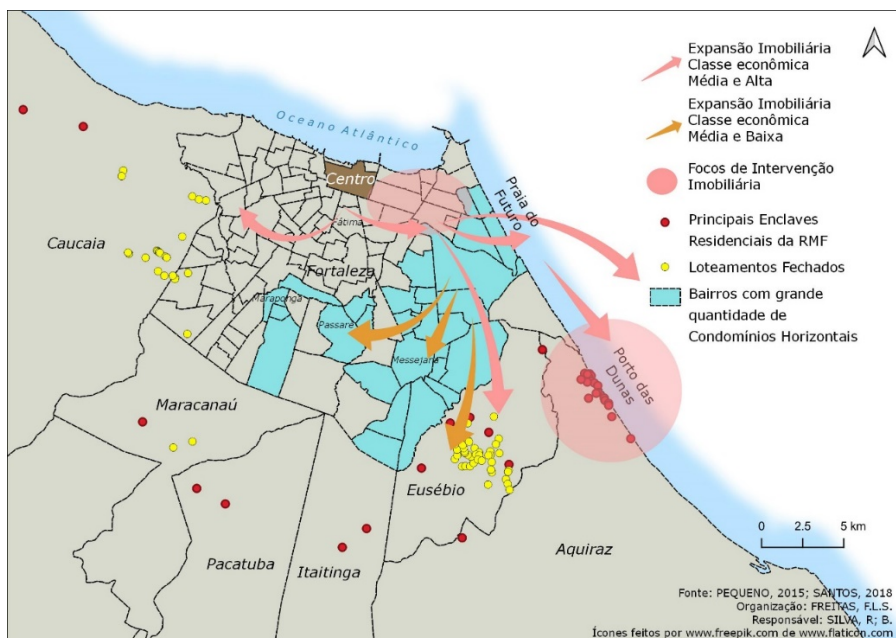


Figura 1: Dinâmica da expansão imobiliária dos enclaves residenciais nas regiões leste e sudeste da RMF

Fonte: Diógenes, 2012; Turczyn, 2013; Pequeno, 2015; Santos, 2015; Nogueira, 2016, Gonçalves, 2017.

A seleção dessas escalas geográficas foi se delineando na medida em que se definiram os fenômenos, os eventos e os processos mais atuantes na formação socioespacial de Fortaleza (COSTA, 1988, 2005; BERNAL, 2004; PEQUENO, 2015) a exemplo do deslocamento residencial das elites para condomínios fechados em direção à região sudeste de Fortaleza (FUCK JÚNIOR, 2012; DIÓGENES, 2012; SANTOS, 2015; SILVEIRA, 2012; NOGUEIRA, 2016).

Portanto, os lançamentos imobiliários passaram a priorizar os condomínios horizontais nos setores sudeste e leste (bairros De Lourdes e Manuel Dias Branco) da cidade de Fortaleza e; entretanto a ampliação da oferta de loteamentos fechados, loteamentos de usos múltiplos (alphavilles) e condomínios de praia é um fenômeno metropolitano, concretizando um padrão de tecido urbano fragmentado tanto nas áreas consolidadas quanto nos trechos de urbanização dispersa. Estas formas de empreendimentos residenciais são caracterizadas pela maior autonomia e dissociação do entorno imediato.

Enclaves residenciais e fragmentação sócio-espacial no entorno de Fortaleza

Na Região Metropolitana de Fortaleza, a concentração de condomínios horizontais, condomínios de veraneio, loteamentos fechados ou de usos múltiplos vem crescendo significativamente nos municípios de Eusébio e Aquiraz. Estes verdadeiros enclaves residenciais são uma resposta ao aumento da sensação de insegurança e estão produzindo impactos expressivos no tecido socioespacial.

Acelera-se a segmentação do seu tecido urbano, uma vez que os “muros arrefecem as relações espaciais da cidade, concretamente, pela materialidade dessas barreiras que impedem a circulação” (SPOSITO; GÓES, 2013). Por esse ângulo, o aumento quantitativo e a diversificação dos tipos de enclaves residenciais restringem os movimentos e geram pouca (ou inexistência de) interação dos moradores destes artefatos espaciais com as áreas do seu entorno imediato, engendrando um tecido urbano metropolitano disperso e fragmentado.

É, então, que a natureza da cidade fragmentada se contrapõe a ideia anterior de cidade unitária, hierarquizada e coesa. A “própria continuidade centro-periferia ou cidade-*hinterland* se rompe”, resume Salgueiro (1998, p. 41). Como Caldeira (2000) escreveu de maneira incisiva: em cidades fragmentadas por enclaves fortificados, o ideário moderno de espaço público acessível a todos, sem restrição à circulação e com a possibilidade de encontros entre os mais diversos grupos sociais, acha-se comprometido. Além disso, o estudo de Dal Pozzo (2015) colocou em evidência que o confinamento de equipamentos de lazer e serviço intramuro e a seletividade espacial das elites garantem, ao mesmo tempo, uma exclusividade social e uma independência do restante da cidade.

Sposito (2011, p.124) explica que essas práticas socioespaciais aceleram a desagregação da cidade enquanto unidade territorial, permitindo a consolidação do processo de “[...] fragmentação como forma avançada e mais complexa de segregação

socioespacial, a partir da valorização crescente da insegurança, num mundo de imponderabilidades”.

Nesse caso em particular, o discurso do medo da violência se apresenta como o principal motivo para os estratos de renda média e alta se “isolarem” em enclaves residenciais. Contudo, Caldeira (2000, p.297) tem alertado sobre os efeitos negativos do enclausuramento das elites, pois “[...] estão criando uma cidade na qual a separação vem para o primeiro plano e a qualidade do espaço público e dos encontros sociais que são nele possíveis já mudou consideravelmente”.

Por esse ângulo, em extensões cada vez maiores, a segregação centro-periferia, na cidade de Fortaleza e RMF, tem mostrado limitações na apreensão da realidade atual, uma vez que o agravamento da violência e da sensação de insegurança ampara os interesses imobiliários e justifica a proliferação dos diversos tipos de enclaves residenciais e comerciais (FREITAS, 2019).

Desde a década de 2000, parcela da população, residente em bairros situados no setor centro-leste de Fortaleza, vem estabelecendo a primeira residência nos espaços periféricos mais distantes do núcleo original da cidade (DIÓGENES, 2012; SILVEIRA, 2012). Nogueira (2016) percebeu que inúmeros grandes condomínios horizontais e loteamentos fechados, protegidos por sistemas de controle e vigilância, localizam-se nos espaços circundantes à capital cearense, perfazendo um anel periférico.

Nessa situação, a fragmentação socioespacial se desenvolve, de forma mais intensa, em zonas específicas dos municípios de Eusébio (bairros Tamatanduba, Coité, Centro Amador e Coaçu) e em Aquiraz, especialmente no Porto das Dunas e se estende para áreas cada vez mais a leste. Este processo, resultado do transbordo do vetor sudeste de expansão metropolitana, segue a centralidade linear composta pela Av. Washington Soares/CE-040 de Fortaleza, que integra estreitamente os dois municípios expostos. Nota-se uma melhora na integração metropolitana proporcionada pela rodovia CE 025 – Via Litorânea e CE 010 (Estrada da Sabiaguaba).

Essas áreas se caracterizam pela enorme presença de conjuntos residenciais e comerciais que se fecham em muros, trazendo diferenças bruscas em relação ao tecido socioespacial circunvizinho. Dentre os megaprojetos implantados que contornam o município de Fortaleza, destacam-se os loteamentos Alphaville Fortaleza, Alphaville Eusébio, Alphaville Ceará, Quinta das Fontes, Park Eusébio, Quintas do Lago, Jardins Ibiza e os condomínios de praia Acquaville Resort, Beach Park Living, Resort Oceani, Condomínio Portugal Village, Porto Beach Residence e Resort Atlantic Palace.

Silveira (2012) constatou uma maior concentração de condomínios horizontais e loteamentos fechados no município do Eusébio. A flexibilização urbanística permitiu que fossem implantados loteamentos fechados e loteamentos de usos múltiplos nas extensas glebas disponíveis, anteriormente, ocupadas por “posseiros”, agricultores, sítios e chácaras para veraneio. Podem identificados muitos “falsos condomínios”, loteamentos fechados regidos pela Lei dos Condomínios (n.º 4.591), que não realizam a transferência de terrenos ao poder público.

Na RMF, progride a fragmentação na ramificação do principal eixo de expansão metropolitana (leste-sudeste), que começa na Av. Maestro de Lisboa e continua pela CE-025. Tal processo de urbanização se faz, cada vez mais, pela implantação de condomínios residenciais unifamiliares, condomínios de praia e alguns parques temáticos implantados paralelos à faixa litorânea do município de Aquiraz, nas margens da CE 025 e nos limites das APPs.

No decorrer da década de 2000, ocorreu uma valorização imobiliária no Porto das Dunas (Aquiraz), exposta no aumento paulatino das instalações de condomínios de praia no loteamento da família Gentil, em 1979 (DIÓGENES, 2012). Introduzem-se empreendimentos que combinam usos residenciais, turístico-hoteleiros e com amplas opções de lazer, denotando uma relativa autonomia do entorno.

Esse processo continua em direção leste, alcançando as praias do Iguape e Barro Preto, onde são notados enclaves residenciais de veraneio não contíguos ao tecido urbano consolidado como o Golf Ville Resort Residence, Mandala Kauai e Aquiraz Riviera. Nessa situação, é produzido um tecido urbano disperso e fragmentando, com unidades autônomas que mantêm poucas relações com os espaços vizinhos.

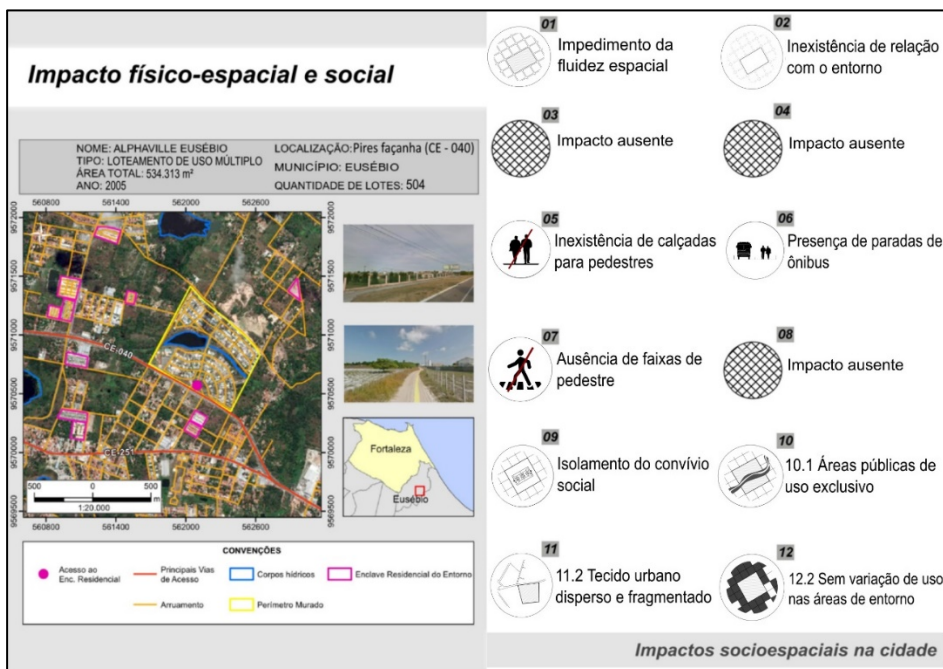


Figura 2: Avaliação dos impactos físico-espaciais e sociais do loteamento de uso múltiplo Alphaville Eusébio, Eusébio-CE

Fonte: Elaborado por Freitas, Lima e Silva, R. (2019).

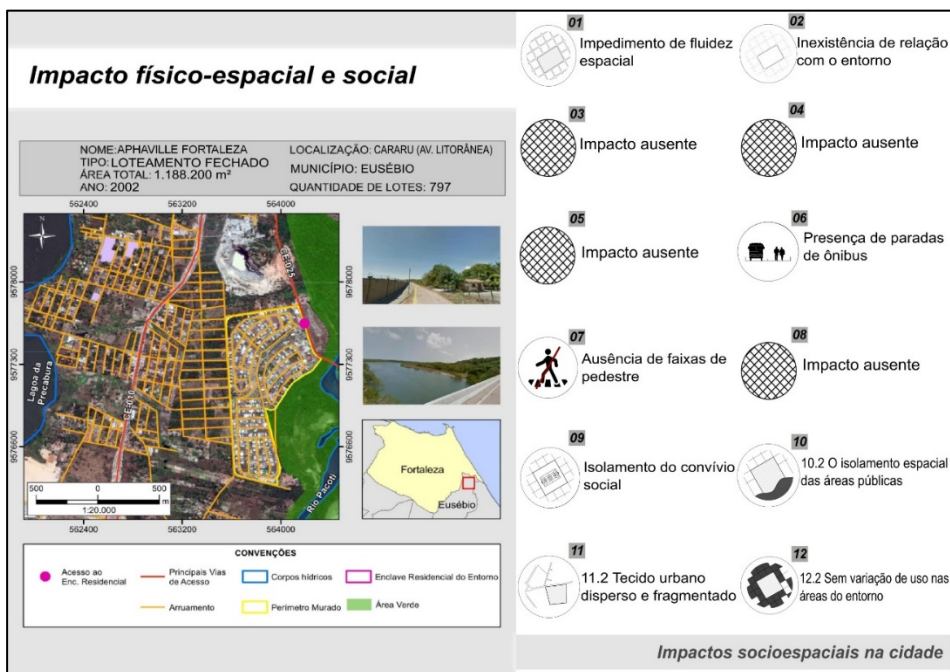


Figura 3: Avaliação dos impactos físico-espaciais e sociais do Loteamento Alphaville Fortaleza, Eusébio-CE.

Fonte: Elaborado por Freitas, Lima e Silva, R. (2019).

De maneira geral, os condomínios resorts tendem a se localizar, preferencialmente, junto à orla marítima e dispostos de tal maneira que algumas faixas de praia se tornam exclusivas e inviabilizam ou desencorajam o uso destas pela população local. A segmentação socioespacial também transcorre quando os enclaves fortificados se situam próximos a recursos naturais de relevante interesse paisagístico e ambiental.

Tomando como referência o exposto e para melhor visualizar os efeitos da constituição de conjuntos murados com entrada controlada no espaço urbano, foram selecionados dois tipos de enclaves residenciais no município do Eusébio: o loteamento de uso múltiplo Alphaville Eusébio, o único desse padrão que possui, realmente, unidades habitacionais construídas, e o loteamento Alphaville Fortaleza de uso residencial e com todos seus lotes edificadas. Sendo assim, a Figura 2 e Figura 3 exibem uma análise integrativa alicerçada em conceitos aplicáveis que avaliam os efeitos destes enclaves residenciais horizontais no tecido urbano metropolitano. Evidencia-se a necessidade de ampliar a escala no intuito de entender os impactos físico-espaciais e sociais ocasionados por empreendimentos de grande porte e elevado grau de autonomia na RMF.

Verificaram-se nove impactos físico-espaciais e sociais no Alphaville Eusébio e oito, no Alphaville Fortaleza. Não se observou um distanciamento social com proximidade

física, posto que não há assentamentos precários ou espaços populares nos seus entornos e a seletividade espacial se realiza através de shopping centers, *malls*, grandes lojas e supermercados estabelecidos nos municípios de Fortaleza e Eusébio.

Em todo caso, deve-se enfatizar que tanto o Alphaville Eusébio (534.313 m²) quanto o Alphaville Fortaleza (1.188.200 m²) destoam enormemente do tecido socioespacial adjacente por causa dos seus tamanhos e do efetivo controle dos acessos às unidades habitacionais, garantido por um sofisticado sistema de proteção e segurança privada nos seus perímetros. Em virtude das grandes dimensões e do elevado nível de autonomia em relação à cidade, estes são os tipos de enclaves residenciais que produzem os maiores impactos no tecido socioespacial metropolitano.

Diante disso, constata-se um impedimento da fluidez espacial, já que a configuração espacial desses megaprojetos imobiliários modifica os componentes basilares do tecido urbano (a rua, o lote e o quarteirão) e marca a repetição de um desenho composto de usos mistos (lazer e serviços) nas áreas coletivas no interior dos muros e com localização periférica próxima aos eixos ou anéis viários.

As grandes extensões muradas e com acessos controlados seccionam o tecido urbano e reduzem as possibilidades de relações entre grupos sociais distintos. Por esse motivo, a convivência intramuros dos segmentos de renda média e alta, nos espaços circundantes à Fortaleza, designa um novo tipo de segmentação socioespacial, no qual se delinea a produção de áreas homogêneas socialmente.

A convivência coletiva, entre os iguais, é assegurada por regras, códigos, interesses comuns e na ampla oferta de serviços e equipamentos de lazer nas áreas de uso compartilhado. Os alphavilles aludidos são dotados de um extenso programa com itens de lazer e serviços, abrangendo salão de festas, quadra poliesportiva, salão social, academia, restaurante, parque infantil, área verde, quadra de tênis, piscinas com raia, dentre outros.

Tais espaços de uso coletivo provocam o distanciamento social daqueles que convivem fisicamente próximos, possibilitando o delineamento de práticas socioespaciais restritas aos limites dos muros e aos complexos de lazer como o Beach Park, em Aquiraz.

Como se pode averiguar, forma-se um tecido urbano disperso e fragmentado, configurando uma cidade composta por “peças” isoladas implantadas em áreas de baixa densidade demográfica, mas com boa integração com o núcleo urbano central da RMF.

A inexistência de calçadas e/ou faixas de pedestre, em locais que deveriam contar com estes equipamentos, é detectada nos enclaves residenciais investigados e, por sua vez, representa o desígnio de isolamento social e a valorização do uso do automóvel, já que se preconiza o menor fluxo de pedestres ou desconhecidos nas imediações dos enclaves residenciais.

A disposição desses atributos urbanísticos desestimula as interações que poderiam ser desenvolvidas nos espaços públicos e ampliam as distâncias a serem percorridas pela população local. Além do mais, há uma redução do número de conexões entre as localidades circunvizinhas existentes que limita a fluidez espacial.

Os artifícios de proteção e segurança filtram e controlam a entrada de desconhecidos e regulam a circulação interna ou nas proximidades, restringindo o direito de ir e vir de outras pessoas. Nessa lógica, a combinação de câmeras de vigilância, cercas elétricas, grades, muros, placas de advertências, guardas privados ou mesmo arbustos espinhosos, que ficam do lado externo dos muros, veta a acessibilidade e mobilidade local de indivíduos de outros segmentos sociais.

As áreas públicas, elementos primordiais da sociabilidade urbana, estão sendo privatizados pelos enclaves residenciais de grande porte. Comprovam-se condições limitadoras de uso e acessibilidade às áreas de proteção ambiental. A disposição do loteamento Alphaville Fortaleza, na borda da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Pacoti, veda o acesso ao público. No Alphaville Eusébio uma área natural encontra-se no interior do perímetro murado do loteamento e seu acesso é exclusivo dos seus moradores.

Portanto, a enorme concentração desses empreendimentos, em pontos setoriais da franja metropolitana, indica uma tendência a fragmentação do tecido socioespacial da RMF e, por consequência, a contiguidade espacial centro-periferia deprecia-se pela multiplicação de enclaves residenciais que destoam drasticamente de suas áreas adjacentes, principalmente no setor sudeste do município Fortaleza.

Localização dos condomínios horizontais e fragmentação no espaço intraurbano de Fortaleza

O padrão “centro versus periferia”, que representou a configuração socioespacial de Fortaleza, no intervalo de 1950 a 1990, mudou de sentido depois da instituição de uma fragmentação caracterizada substancialmente pela grande oferta de enclaves residenciais no interior da malha urbana consolidada e, seu lado complementar, os espaços de consumo segmentado junto às novas centralidades urbanas.

A oferta de tipos residenciais murados, aos segmentos de maiores rendas, permitiu a constituição de um setor composto por bairros com elevada renda, onde se verifica o estabelecimento de uma segregação em escala reduzida. Muitas vezes o que separa os grupos socialmente opostos são barreiras físicas (muros) e tecnologias de exclusão social, como assim denomina Caldeira (2000), os sistemas de segurança e controle dos enclaves fortificados.

Com a intensificação do processo de fragmentação urbana (SALGUEIRO, 1998) ou da segregação socioespacial à escala micro nas cidades (CALDEIRA, 2000; JANOSCHKA, 2002), observa-se o aparecimento de fortes rupturas entre os diferentes grupos sociais ou áreas residenciais justapostas (SALGUEIRO, 1998; SPOSITO, 2011; VASCONCELOS, 2013). Tal processo se caracteriza por acentuada restrição da acessibilidade e circulação dos cidadãos na cidade (CALDEIRA, 2000; SOUZA, 2008) e sociabilidade predominantemente limitada às áreas de uso comum dos enclaves residenciais e aos espaços de consumo segmentado, denotando uma seletividade espacial; DAL POZZO, 2015).

Então, o modelo de segregação clássico, centro rico versus periferia pobre, apresenta limitações quando usado para interpretar a atual organização socioespacial de Fortaleza, pois a intensa produção de enclaves fortificados, nos quais introduzem diferenças bruscas em comparação com o tecido urbano que os cerca, favorece a fixação de uma segregação com distanciamento social e proximidade física.

A análise da localização e da oferta de casas em conjuntos residenciais murados e vigiados permitiu identificar o aparecimento de enclaves residenciais com elevado nível nos bairros De Lourdes, Manuel Dias Branco, Praia do Futuro I e II. Há uma expressiva concentração de condomínios de pequeno porte (de 10 a 50 habitações e pouca variedade de equipamentos coletivos) num amplo trecho que abrange os bairros Edson Queiroz, Sapiranga/Coité, José de Alencar, Lagoa Redonda, Cidade dos Funcionários, Engenheiro Luciano Cavalcante, Parque Manibura e Cambeba (FIGURA 4).

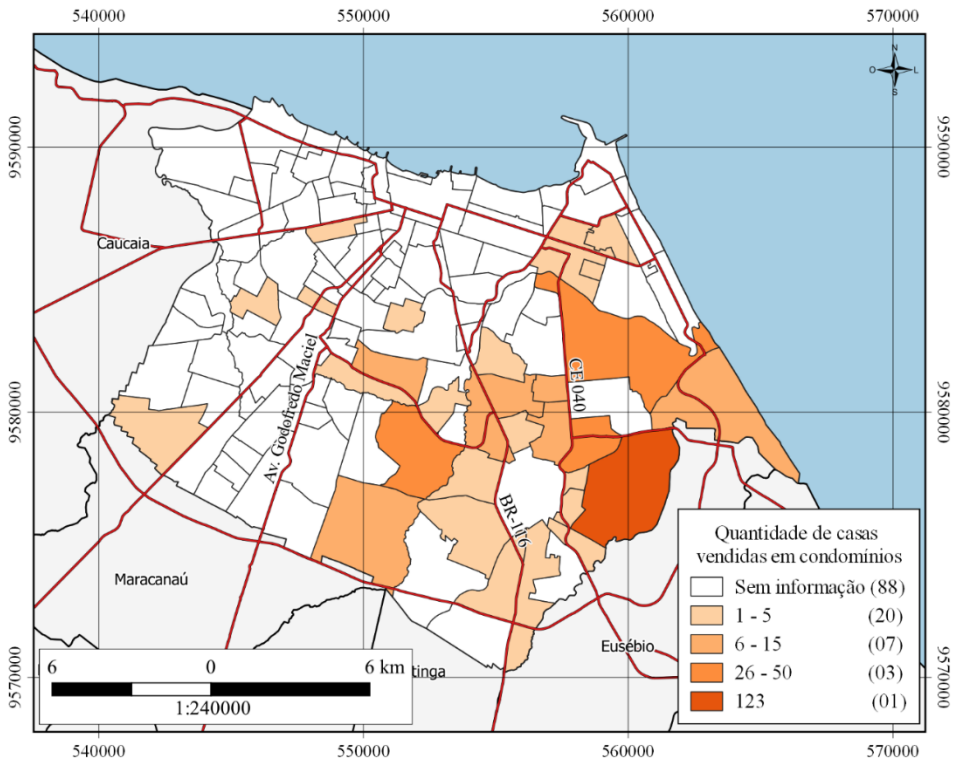


Figura 4: Oferta de condomínios residenciais horizontais por bairro na cidade de Fortaleza (janeiro de 2016)

Fonte: Elaboração por Freitas e Lima com base em dados de FIPE (2017).

Então, a maioria desses empreendimentos imobiliários se localiza ao longo de importantes eixos viários municipais ou rodovias estaduais, sobretudo nas imediações da Av. Washington Soares/CE-040 (trecho inicial do vetor sudeste de expansão metropolitana) e na Av. Maestro de Lisboa/CE-025. Esta localização propicia uma boa acessibilidade aos equipamentos públicos e privados como shopping centers, grandes lojas, hipermercados, *malls*, escritórios, Centro de Convenções, Fórum Clóvis Beviláqua, escolas e universidades particulares.

Àqueles condomínios horizontais, localizados distantes das estradas urbanas que permitem o trânsito entre os bairros da cidade, a exclusividade social é mantida pelo uso do automóvel individual ou pela ausência de transporte público coletivo. Esta forma de contenção sócio-territorial restringe o acesso de outros grupos sociais, inclusive com o uso de viaturas/ vigilantes de empresas de segurança privada em muitos espaços públicos na cidade.

Em algumas partes fronteiriças da Av. Santos Dumont, via que possibilita conexões entre a centralidade da Aldeota e os bairros Papicu, Cocó, Manuel Dias Branco, De Lourdes, Praia do Futuro e Sabiaguaba, detectam-se múltiplos conjuntos residenciais que se distinguem do padrão multifamiliar característico dos bairros circunjacentes ao núcleo original da cidade e de outros espaços mais a leste, como Papicu e Cocó. Entretanto, os condomínios horizontais de luxo, encontrados nos bairros De Lourdes e Manuel Dias Branco, são excentricidades no contexto da ocupação e produção imobiliária do setor centro-leste do município de Fortaleza,

Na porção sul, a elevação da quantidade de condomínios unifamiliares, destinado às camadas renda média no Passaré, Maraponga e Mondubim, possibilitou a mistura de fragmentos de horizontalidades ao lado de edifícios de apartamentos nos quais se sobrepõem ao tecido urbano tradicional. Estes bairros passam por intensa transformação nas suas paisagens e valorização imobiliária em função do forte desenvolvimento comercial nas principais vias que lhes dão acesso (Av. Godofredo Maciel, Av. Presidente Costa e Silva — Perimetral — e Av. Silas Munguba) e que, aliás, integram a área de influência da centralidade da Parangaba.

Conforme Pequeno (2015, p.190), o eixo sudeste de expansão metropolitana ganha dinamismo posteriormente a implantação de tipologias residenciais horizontais ou edifícios de apartamentos. “Chama atenção à adoção da forma condomínio fechado mesmo nos bairros periféricos motivada pela questão da violência urbana, contribuindo para a fragmentação socioespacial em bairros outrora populares e homogêneos”.

O condomínio horizontal de casas planas e dúplex é o tipo residencial fundamental adotado no recente deslocamento das elites que, associados a outros processos socioespaciais, transforma o tecido urbano em direção aos vetores de metropolização mais dinâmicos.

Tudo isso refaz a compreensão do processo de segregação e auxilia a instalação de uma organização urbana descontínua, com forte restrição à acessibilidade e à mobilidade. Sendo assim, uma quantidade significativa de estudos tem relatado os

impactos advindos dos conjuntos residenciais horizontais de pequeno e médio porte no espaço urbano (CALDEIRA, 2000; BECKER, 2005; SOUZA, 2008; SPOSITO & GOES, 2013; ALAS, 2013; SCIOTA, 2016).

No setor sudeste da cidade de Fortaleza, o processo de fragmentação urbana se acentua e traz efeitos físico-espaciais e sociais resultantes da propagação de conjuntos residenciais murados e com acessos controlados nos quais afetam o tecido socioespacial e provoca mudanças na relação das pessoas com o restante da cidade. Em função disso, para discutir os impactos dos enclaves residenciais no intraurbano, selecionou-se o condomínio horizontal ilegal Royal Park (FIGURA 5), situado no bairro Edson Queiroz e com data de instalação preconizada em 2009, cujo terreno chega a 83.353 m² para apenas 40 (quarenta) casas dúplex de alto padrão. O outro tipo enclave residencial escolhido foi o condomínio horizontal Monte Olimpo (FIGURA 6), que está inserido no bairro Sapiranga e representa o padrão de enclave residencial mais comumente encontrado no município de Fortaleza. Este dispõe de uma área de 10.542 m² 48 e lotes habitacionais distribuídos em 4 (quatro) vias de circulação interna, tendo sido construído em 2010.

Admite-se que os “condomínios fechados”, de maneira geral, são empreendimentos urbanos juridicamente ilegítimos e, do ponto de vista do controle e uso do solo urbano, apresentam-se como formas espaciais incompatíveis com as interações públicas e a infraestrutura urbana adjacente.

Ainda que exista legislação específica sobre os “condomínios fechados” em alguns planos diretores municipais, tecnicamente, o tipo condomínio residencial horizontal é um loteamento de pequeno ou médio porte que possui unidades habitacionais construídas, mas com frações ideais ou quotas sobre o todo. Como tal, o controle do acesso aos seus espaços internos viola os fundamentos que garantem o direito de ir e vir e da própria Lei Federal (n.º 6.766/79) na qual determina que o parcelamento do solo urbano somente poderá ser feito por meio de loteamento ou desmembramento.

No caso do condomínio horizontal Royal Park, trata-se, realmente, de um loteamento fechado de médio porte que, aliás, é modelo residencial atípico no contexto intraurbano e, sob o enfoque jurídico-urbanístico, sua ilegalidade reside no fechamento de um conjunto de edificações dispostas em logradouros anteriormente públicos. Ademais, a própria legislação de Fortaleza veda a implantação de empreendimentos com extensões semelhantes às das glebas dos loteamentos fechados localizados no seu entorno.

Neste caso, a restrição à acessibilidade e à permeabilidade urbana são mais perceptíveis em razão dos extensos “muros cegos”, sendo notória a interrupção de diretrizes viárias públicas (ou o isolamento das conexões com a rede existente) e a anulação da vitalidade nas calçadas. Além do tamanho, a justaposição de vários empreendimentos horizontais murados, numa mesma área, amplia os percursos de pedestres e de veículos na malha urbana e proporciona insegurança nos longos trechos definidos por baixo fluxo de pessoas, diminuindo as alternativas de rotas.

Os muros altos e opacos diminuem a possibilidade de ver e ser visto; são os olhos nas ruas, como prescreve Jacobs (2000). Desse modo, a alta densidade de condomínios

residenciais horizontais, que chegam a ocupar até uma quadra inteira, produz um tecido urbano consolidado e fragmentado no setor sudeste da cidade de Fortaleza.

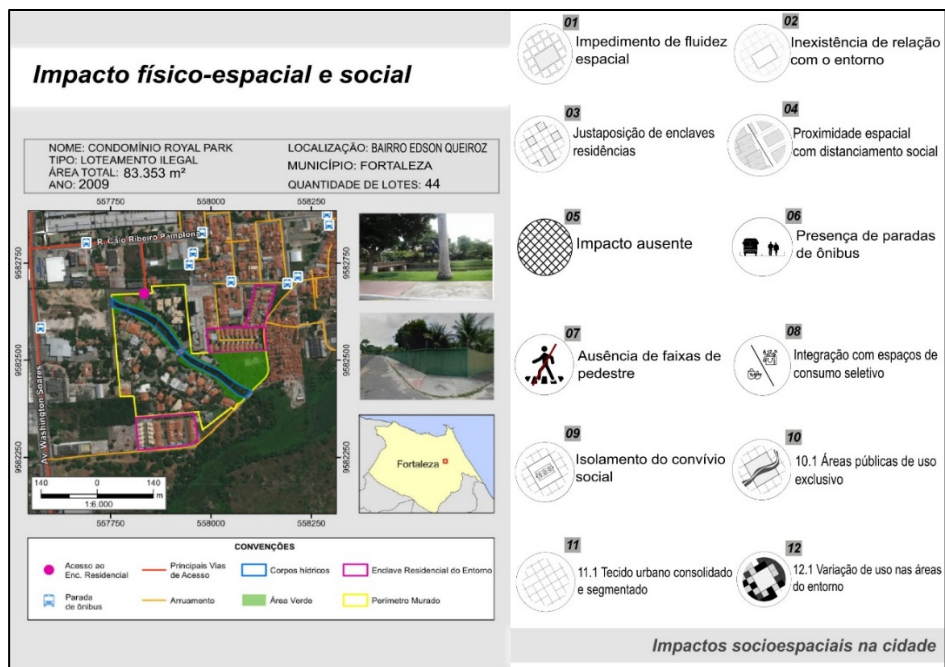


Figura 5: Avaliação dos impactos físico-espaciais e sociais no condomínio horizontal ilegal Royal Park, Edson Queiroz, Fortaleza-CE

Fonte: Elaboração por Freitas, Lima e Silva, R. (2019).

No condomínio horizontal Monte Olimpo, a proximidade espacial com distanciamento social se reduz a uma contiguidade física oportunizada, unicamente, pelo muro e cercas desse empreendimento residencial. Em muitos locais da cidade, as comunidades situadas próximas de enclaves residenciais tendem a ocupar os leitos das vias públicas e/ou construir habitações nas calçadas unidas às paredes dos fundos dos condomínios fechados, como no exemplo examinado.

A escolha de afastamento social se expressa, inclusive, na inexistência de paradas de ônibus nas proximidades de muitos condomínios horizontais, trazendo um sério impacto à mobilidade local de pedestres. Logo, a distribuição de pontos de embarque e desembarque de passageiros de transportes públicos não coincide com os locais de acesso dos enclaves residenciais, denotando uma exclusividade e distanciamento social, pois esses grupos utilizam, maiormente, dos seus veículos particulares.

Sobre as práticas socioespaciais das elites, Dal Pozzo (2008) constatou que os trajetos dos sujeitos autosssegregados estão circunscritos aos locais de moradia e às áreas de uso coletivo internas dos enclaves residenciais, assim como os espaços de consumo

segmentado. Daí que o aumento da insegurança é um atributo que respalda a seletividade espacial desfrutada pelos estratos sociais com maiores rendas. De outro lado, progride a contenção à mobilidade espacial e à imposição de barreiras físicas e simbólicas no acesso a determinados espaços da cidade para os grupos sociais populares.

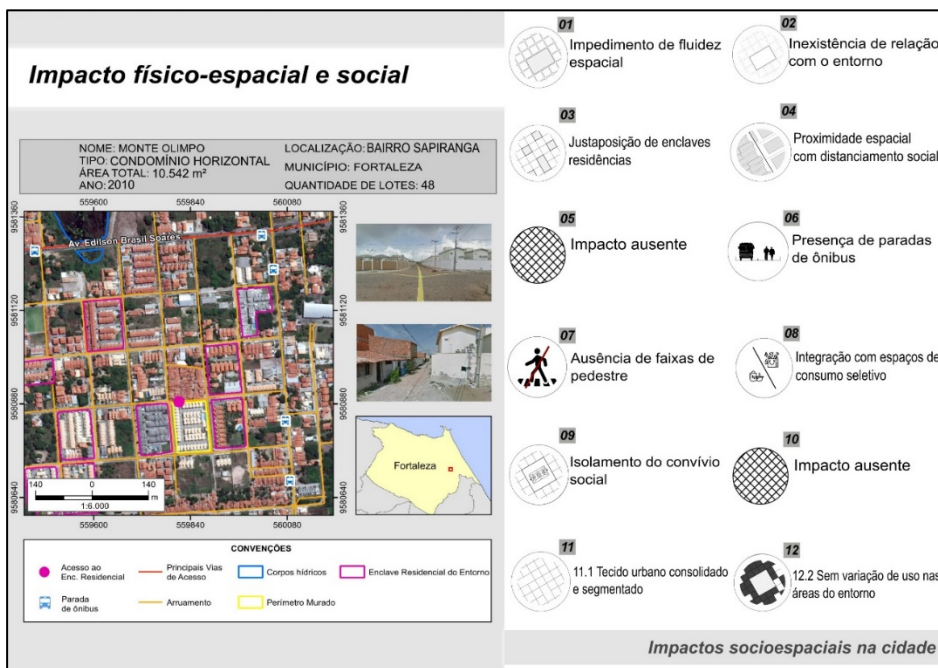


Figura 6: Avaliação dos impactos físico-espaciais e sociais do condomínio horizontal Monte Olimpo, Sapiroanga, Fortaleza-CE

Fonte: Elaboração por Freitas, Lima e Silva, R. (2019).

Por isso, o isolamento do convívio social das camadas de renda média e alta se concretiza por práticas socioespaciais realizadas, de preferência, na segurança dos perímetros murados. A valorização da esfera privada e as novas demandas do modo de vida contemporâneo induzem uma variação das opções de lazer nas áreas de uso coletivo dos conjuntos residenciais murados. Os equipamentos de lazer mais comuns ofertados às camadas de renda média incluem piscina semiolímpica, academia, playground, sauna, campo de futebol *society*, salão de festas com churrasqueira e paisagismo, como os verificados no condomínio Monte Olimpo.

Enquanto no condomínio de alto padrão Royal Park, disponibilizam-se espaços específicos para realização de outras atividades, por exemplo, piscina com raia, playground arborizado, quadras de tênis, quadra poliesportiva e uma ampla área verde de uso exclusivo dos moradores, os quais se tornam elementos de status social e valorização econômica do empreendimento residencial.

O isolamento da vida social é complementado pela predominância de práticas socioespaciais na cidade, sobretudo programadas para aqueles espaços de lazer e comércio que contam com estacionamentos exclusivos e segurança privada. Assim, a implantação de tipos de enclaves residenciais com áreas de lazer e/ou convívio exclusiva para os moradores, revela um alto grau de autonomia desses conjuntos residenciais em relação ao restante da cidade.

O fato interessante é que no contexto intraurbano, os condomínios residenciais horizontais com padrões idênticos a loteamentos fechados também podem privatizar ou impedir o acesso às áreas públicas de uso recreativo e paisagístico, transformando-as em áreas verdes de proveito exclusivo dos condôminos. Como se observa no Mapa 4, no Condomínio Royal Park, a área de preservação está localizada dentro dos limites desse empreendimento residencial.

Sendo assim, a consolidação de uma cidade menos diversa e segmentada, efetiva-se com uma cidade de muros, cujas estratégias de separação física entre os grupos sociais se concretizam pelo uso de um conjunto de artifícios de separação e contenção sócio-espacial. A autossegregação, em enclaves residenciais, tem ocasionado a homogeneização do espaço social das cidades e diminuição da interação de segmentos sociais diferentes nos espaços públicos, como também gera forte impacto na acessibilidade e na mobilidade urbana.

O perfil socioeconômico dos moradores dos bairros do Edson Queiroz e Sapiroanga, por exemplo, antes era bastante heterogêneo, porém a instalação de inúmeros enclaves residenciais vem contribuindo para a formação de um novo padrão de uso e ocupação do solo, com tendência a homogeneidade social.

Em termos espaciais, os moradores dos condomínios especificados estão bem próximos de camadas sociais populares, embora estejam separados socialmente por artifícios da arquitetura defensiva que — com seus muros e sistemas de vigilância ou controle seletivo — isolam e separam os diferentes. Então, a adoção dessas estratégias defensivas, adotadas pelos enclaves fortificados, constitui a essência de uma nova segregação à escala reduzida.

Dessa maneira, a preferência de morar em condomínios horizontais, com seus respectivos espaços de lazer e serviços e a adoção de práticas socioespaciais seletivas, reduz enormemente as interações com as comunidades populares situadas no entorno, produzindo uma cidade fragmentada social e espacialmente, com a privatização dos espaços públicos e a diminuição da interação entre os grupos opostos socialmente. Logo, progressivamente a vida cotidiana, de parte relevante dos grupos sociais de renda média e alta nas cidades, está demarcada pelo confinamento social. Isto tudo modifica as concepções teóricas do conceito de segregação que passa a ser visto como níveis diferenciados de fragmentação socioespacial.

Considerações finais

Os resultados obtidos constataam uma tendência das camadas sociais de rendas elevadas em deixar os espaços de uso comum e convivência pública para se “refugiarem” em conjuntos residenciais murados mais afastados do núcleo tradicional de Fortaleza. É possível, inevitavelmente, asseverar a passagem da segregação centro-periferia, em trechos específicos do município de Fortaleza e da RMF, para o padrão de fragmentação socioespacial

Há um aumento da demanda por sistemas de segurança residencial e pelas novas modalidades de enclaves residenciais, comerciais e de lazer na RMF, cujos diversos tipos incluem os tipos condomínios verticais (inclusive os condomínios-clubes), de condomínios horizontais e os condomínios de praia, os loteamentos do tipo *alphaville*, shopping centers, malls, supermercados/hipermercados e de entretenimento como o Beach Park. Quanto à localização dos enclaves residenciais especificamente, eles podem estar situados nas áreas centrais, zonas periféricas e em áreas de urbanização dispersas distantes da cidade polo.

Portanto, na escala intraurbana, desenvolve-se um tecido urbano consolidado e altamente fragmentado, principalmente nos bairros De Lourdes, Edson Queiroz, Sapiranga, Lagoa Redonda, José de Alencar e Passaré. Sob a metropolitana, estabelece-se uma intensa concentração de loteamentos fechados, condomínios horizontais e condomínios de veraneio em trechos específicos dos municípios de Eusébio e Aquiraz. O resultado disso tem sido a produção de um tecido urbano disperso e fragmentado num setor de alta valorização imobiliária, acompanhando o eixo de expansão metropolitana da CE-040 e CE-025.

Referências bibliográficas

ALAS, P. *O fenômeno dos supercondomínios: a verticalização da metrópole paulistana no início do século XXI*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-13082013-160537/pt-br.php>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

BECKER, D. *Condomínios horizontais fechados: avaliação de desempenho interno e impacto físico-espacial no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7150>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BERNAL, M. C. C. *A Metrópole Emergente: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza*. Fortaleza: Editora UFC/Banco do Nordeste do Brasil S.A, 2004.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 34ª ed. São Paulo: Edusp, 2000.

- COSTA, M. C. L. *Cidade 2000 expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. São Paulo: FFLCH/USP, 1988.
- CHETRY, M. Os conceitos da Metrôpole latino-americana: o exemplo da fragmentação socioespacial. *E-metropolis*, nº16, ano 05, mar. 2004. p. 61-67.
- DAL POZZO, C. F. *Fragmentação socioespacial em cidades médias: o território do consumo segmentado de Ribeirão e Presidente Prudente*. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente-SP, 2015. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/15/dr/clayton_pozzo.pdf. Acesso em: 12 fev. 2017.
- DIÓGENES, B. H. N. *Dinâmicas urbanas recentes da área metropolitana de Fortaleza*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-03122012-131144/en.php>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- FREITAS, F. L. S. *Fragmentação e expansão urbana: espaços do medo na Região Metropolitana de Fortaleza Ceará*. Tese (doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52894>. Acesso em: 10 out. 2020.
- GONÇALVES, T.E. *Shopping centers e processo de metropolização em Fortaleza*. Tese de doutorado. Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27186>. Acesso em: 03 jan. 2019.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JANOSCHKA, M. El nuevo modelo de la ciudad latinoamericana: fragmentación y privatización. *EURE* (Santiago) v.28, n.85, Santiago, dez., 2002.
- JANOSCHKA, M; GLASZE, G. Urbanizaciones cerradas: um modelo analítico. In: *CIUDADES 59*, Red Nacional de Investigacion urbana, jul-set, Puebla. México, p.9-20, 2003.
- NOGUEIRA, C. L. M. *Expansão metropolitana e negócios imobiliários na alvorada do século XXI*. Tese (Doutorado em geografia). Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30283>. Acesso em: 23 set. 2018.
- SALGUEIRO, Barata Teresa. *Cidade pós-moderna: espaço fragmentado*. Revista Território, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, 1998. p.39-53.
- SANTOS, E. O. *Produção do espaço, habitação e circuito imobiliário em Fortaleza-CE: temporalidades e espacialidades no eixo sudeste de valorização da metrópole*. Tese (Doutorado em Geografia). Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal do

Ceará. Fortaleza, 2015. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20238>. Acesso em: 21 out. 2018.

SCHACHTER, S. Violencia y degradación urbana. *Movimento Revista Educação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Ano 2, n. 3, 2015. p.75-96.

SOUZA, M. S. Segregação socioespacial em Fortaleza. In: SILVA, José Borzacchiello da *et al. Litoral e sertão: sociedade e natureza no nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

SILVEIRA, A. E. G. *Impactos socioambientais da implantação de loteamentos fechados e condomínios horizontais no município de Eusébio, Ceará*. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16274>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SPOSITO, M. E. B.; GOES, E. M. *Espaços fechados e cidades: insegurança e fragmentação socioespacial*. 1ª. ed. São Paulo: Unesp, 2013.

PEQUENO, L. R. B. Mudanças na estrutura socioespacial da metrópole: Fortaleza entre 2000 e 2010. In: COSTA M. C. L; PEQUENO L. R. B. (Org.). *Fortaleza: transformações na ordem urbana*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 187-237.

TURCZYN, D. T. *Mutação urbana em Campinas: sua forma e paisagem*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade). Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo Universidade Estadual Paulista. CAMPINAS – SP, 2013. Disponível

em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/258750/1/Turczyn_DanielTeixeira_M.pdf. Acesso em: 06 maio 2019.

VASCONCELOS, P. A. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: Pedro de Almeida Vasconcelos; Roberto Lobato Corrêa; Silvana Maria Pintaudi. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-37.

Os autores agradecem os financiamentos dos projetos FUNCAP/FCT Proc.00141-00015.01.00/18: GRAMPCITY; CAPES PRINT Proc. 88887.312019/2018-00: Integrated socio-environmental technologies and methods for territorial sustainability: alternatives for local communities in the context of climate change; Programa CAPES/FUNCAP Proc. 88887.165948/2018-00: Apoio às Estratégias de Cooperação Científica do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFC; e a rede de pesquisa Observatório das Metrópoles INCT/CNPq.

Fabiano Lucas da Silva Freitas

Doutor e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Geografia (licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisador do Núcleo Fortaleza da Rede de Pesquisa Observatório das Metrôpoles (INCT/CNPq) e professor da Prefeitura Municipal de Fortaleza e da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

Rua do Trapiá 55 bairro: Jardim das Oliveiras, CEP 60820-220 – Fortaleza - CE - Brasil

E-mail: geolucasufc@gmail.com.

Maria Clelia Lustosa Costa

Doutora em Geografia pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo e graduada (bacharelado e licenciatura) em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Professora Assistente do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará, Coordenadora do Núcleo Fortaleza da Rede de Pesquisa Observatório das Metrôpoles (INCT/CNPq). Departamento de Geografia, Bloco 911, Campus do Pici, 900, CEP 60440-900 Fortaleza – CE.

E-mail: clelialustosa@gmail.com; clelialustosa@ufc.br

Recebido para publicação em novembro de 2020.
Aprovado para publicação em fevereiro de 2021.